

Frei Gaspar de S. Bernardino

Um exegeta «Itinerante»

Não fora o naufrágio sofrido em pleno Índico pela armada que demandava Lisboa nos primeiros meses de 1606 e ainda menos saberíamos da vida de Frei Gaspar de S. Bernardino. Levando o franciscano a trocar o périplo da África pelas sendas caravaneiras da Ásia, o infortúnio teve duas consequências felizes: proporcionou uma tão inesperada como desejada visita aos lugares da Palestina e deu à cultura portuguesa um inestimável *Itinerário da Índia*¹.

Só por esta obra ímpar de erudição e de estilo conhecemos as peripécias da viagem marítima começada em Goa a 30 de Dezembro de 1605², a aventura de nove meses de caminhada pela Pérsia, Mesopotâmia e Síria a culminar na recepção do convento franciscano de Alepo³, a partida desta cidade para Alexandreta a 4 de Fevereiro de 1607⁴. Pelo *Itinerário* somos informados de que o autor estava em Portugal em Maio de 1609, data em que o Ministro Geral da Ordem o incumbiu de redigir o relato de viagem⁵. Dois anos mais tarde, ainda trabalha afanosamente na obra de que infelizmente só o primeiro dos quatro volumes viu a luz da estampa⁶.

É o último sinal de vida de Frei Gaspar. Para trás da estadia na Índia, cuja duração exacta é impossível determinar, apenas duas notícias secas sulcam o escuro opaco da nossa ignorância: vestiu o

¹ FREI GASPAS DE S. BERNARDINO, *Itinerario de Índia por terra ate este reyno de Portugal, com a Descripçam de Hierusalem*, I Parte, Lisboa 1611. Outras edições: Lisboa 1842, 1854, 1953. Sigo a edição de 1842, a última que mantém a citação das fontes.

² *Ibid.*, c. I, p. 9.

³ *Ibid.*, XXII, 248.

⁴ *Ibid.*, XXII, 251.

⁵ A «obediência» vem estampada com as licenças, ainda na 2.ª edição.

⁶ *Ibid.*, XXI, 240.

hábito franciscano em Leiria a 24 de Maio de 1592 e professou solenemente na mesma cidade e mesmo convento de S. Francisco a 25 de Maio do ano seguinte⁷.

O *Itinerário da Índia* não se limita e colmatar falta de dados biográficos. Fornece igualmente um retrato de corpo inteiro do homem culto e curioso que era o seu autor. O recurso ao Antigo Testamento é uma das facetas marcantes. Se até viajantes seculares e nem sempre muito cultos como António Tenreiro⁸ e Nicolau de Orta Rebelo⁹ fizeram do Livro Santo verdadeiro *vademecum* e guia de viagem, outra coisa não seria de esperar do franciscano que o estudara nas aulas de Teologia e o rezava diariamente no breviário.

Frei Gaspar mostra efectivamente enorme familiaridade com os textos. A propósito e despropósito, no mar e em terra firme, vai deixando cair as citações, isoladas ou aos molhos. Quase sempre em alusões de circunstâncias — comentando peripécias de viagem, rezando em apertos dramáticos, rememorando eventos ocorridos nas terras que pisava, projectando a história bíblica na paisagem que se abria ante seus olhos... Mas, mais de uma vez, o franciscano vai além da leitura curiosa e citação corrente e embrenha-se em discussões eruditas mais próprias do exegeta.

I

Ainda o franciscano nem sequer pensava em atravessar as terras bíblicas, perdido num mar revoltado e encapelado a caminho de Lisboa, e já lançava mão do Antigo Testamento para rezar com Jeremias: «Lembrayvos, Senhor, o que nos aconteceu, consideray, Padre Eterno, este nosso desemparo...»¹⁰. Atribuindo candidamente as Lamentações ao profeta de Anatot, comenta que muita razão teria Jeremias para assim rezar se estivesse padecendo aquele naufrágio. Era isto ao largo de Madagáscar, onde havia «hũas figueyras, a que chamão da India, ou *Pomum Paradysi*, cujo fruyto affirmão muytos ser o ã foy vedado a nossos primeiros Padres», opinião de Santo Agostinho (Super Gen. in glosa c. 3) e Santo Ambrósio (Magister

⁷ D. BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, Coimbra 1966, p. 337.

⁸ Cf. J. NUNES CARREIRA, *A expansão portuguesa e a descoberta das civilizações orientais*, em «Arquipélago», Série Ciências Humanas, 6 (1984) 143-146.

⁹ ID., *Nicolau de Orta Rebelo na senda das civilizações pré-clássicas (1606-1607)*, *ibid.*, 7 (1985) 90-95.

¹⁰ FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *o. c.*, I, 17-18.

historiarum super Gen. c. 23), entre outros¹¹. E devem ter razão estes autores:

«Este parecer julgo por muy prouauel, porque alẽ do fruyto ser excelente, bastão duas folhas desta aruore pera cobrirem hũa pessoa da cabeça aos pès; e isto he o que diz o Genesis ajuntarão folhas de figueyra, e cobrirãose cõ ellas (Gen. c. 3, Consuerüt folia ficus)»¹².

Nova tempestade, entre Sacatorá e Ormuz, desencadeia um autêntico florilégio de referências veterotestamentárias, rematadas com uma reflexão sobre as vantagens da vida comunitária conventual e a do fiel cristão que se encomenda a Deus em casa, sem afrontar os perigos dos «qui navigant in mare» do Eclesiástico (43, 26)¹³. Na tempestade, o franciscano sentiu-se na pele e na piedade do salmista:

«Perdido o leme, ou pera melhor dizer a esperança da vida, o Pangayo se atrauou, e a nós a alma, e coração: porq hũas vezes parecia as furiosas ondas leuaremnos aos Ceos (Sal. 106: Ascendüt usque ad coelos et descendüt) e outras, viuos nos sepultarem nas entranhas do profundo mar»¹⁴.

Não resta senão confessarem-se todos e implorarem a misericórdia de Deus com o salmista: «miserere nostri Domine, miserere nostri» (Sal. 122/123).

Liberto, passados alguns dias, de tantos perigos e trabalhos, Frei Gaspar solta instintivamente o Salmo 82 (83, 17): «Imple facies corũ ignominia etc.»¹⁵.

Em pleno Indico, contornando o continente africano, recorre ao Texto Sagrado para situar a África na sua história mais remota:

«... conta a Sagrada Escripura, que passado aq̃lle vniuersal dilluuio em q̃ Noè, e sua molher Titèa, ou Phuarphara, como lhe chama a Historia Escholastica, e seus tres filhos: Sem, Cham e Iaphet, com suas molheres... se saluarão na Arca, forão acabado o diluuio aportar, nos mais altos montes de Armenia (Ioseph Ant. 1. 1 c. 3) mayor...». Noé parte em seguida «pera Phaenicia sua patria, que jaz na costa maritima da terra da Promissão» e distribui por seus filhos «as partes do mundo; que melhor lhe pareceo cõuinha a cada um deles». «A Cham, que era mais moço (como diz Flauio Ioseph) deu Affrica...»¹⁶.

¹¹ *Ibid.*, II, 27.

¹² *Ibid.*, II, 28.

¹³ *Ibid.*, X, 105. Trata-se de Sir 43, 26, não do c. 44 referido pelo Autor, que lhe chama obviamente *Eclesiástico*.

¹⁴ *Ibid.*, X, 105-106.

¹⁵ *Ibid.*, X, 106.

¹⁶ *Ibid.*, VII, 70-71.

Nesta conjuntura, a Etiópia Oriental, «coube em sorte a Chus filho de Cham, e neto de Noê, e pay de Nembroth, que depois edificou nos campos de Senaar, ou Mesopotamia a famosa Torre de Babylonia»¹⁷.

Vogando junto às costas da Arábia, recorda por um lado, e sem citar, Gn. 16: os naturais «são descendentes de Ismael, filho bastardo de Abraão, e de Agar sua escrava se dizẽ Agarenos, e de Sara que foy sua legitima molher, se chamãõ Sarracenos; e de Nabaoth, primogenito de Ismael, se chama a Prouincia Nabathea...»; por outro, lembra que «esta gẽte era aquella a quẽ os irmãos no nome, e imigos no feito querião vender o sangue de Ioseph»¹⁸, numa clara alusão a Gn. 37, que também não cita.

O mar Vermelho traz-lhe à mente episódios do êxodo. A maravilhosa passagem a pé enxuto por meio das suas águas fora de certo o mais famoso:

«Nelle foy aquella notauel marauilha, que a Sagrada Escripura conta no Exodo, quando Moyses abrio com a vara estrada real pera passarem os Israelitas, que erãõ quasi seyscentos mil, sem contar as molheres, e mininos. Nelle onde Pharaô passando com dozentos mil homens de pè e cincoenta mil de caualo, todos armados, se perderãõ, e afogarãõ, sem de todos escapar hum; com mais seiscentos carros de fardelagem»¹⁹.

É, como nota, a passagem de Ex. 14. Mas já a propósito do monte Sinai. «onde o Senhor deu a Ley, e Mandamentos a seu amigo, Moyses» e «onde leuantou a serpente de metal, pera que os feridos, que nella possuem os olhos, naon falecesses»²⁰, passa por cima dos lugares clássicos (Ex. 19-20; Nm. 21) para se ater apenas à autoridade de Ioan. c. 3.

II

Em terra firme iriam multiplicar-se as chamadas a terreiro dos Livros Santos. Logo no Bandel de Comorão, aquando da visita a um pagode. Aí agradece a Deus ter nascido cristão, pedindo-lhe ao mesmo tempo «queyra alumiar os entendimentos destes miseraueis, pois

¹⁷ *Ibid.*, VII, 76.

¹⁸ *Ibid.*, X, 103.

¹⁹ *Ibid.*, VIII, 88-89.

²⁰ *Ibid.*, VIII, 89-90.

que tendo olhos (como diz o Sancto Propheta) não vem, ouvidos não ouem, e boca não fallão ..»²¹.

O «propheta» vem a ser o salmista (Sl. 113/115, 5)... não o profeta Isaías de Jerusalém, que se refere apenas aos actos de ver e ouvir (Is. 6, 10).

Deus teria enviado pesados castigos ao rei de Lara, na Pérsia que atravessava. Frei Gaspar recorda a teologia de Ez. 18 e 33: o Senhor não pretende «de hũa alma, mais que a conuerção della pera que viua, e nam desfaleça...»²².

A Pérsia não era apenas Comorão e Lara, pagodes de gentios e acções perversas de reis pagãos. Nação antiquissima, merecera honras de primeira página no Livro do Génesis. Foi na segunda alvorada da epopeia humana, passado o susto e o extermínio do dilúvio, após o grandioso empreendimento técnico de Babel;

«Depois de perdidos, e desbaratados nos campos de Babylonia, cõ a confusão das lingoas, os altiios pensamentos do soberbo Nembroth, que então se tinha por monarcha do mundo no tẽporal, deu a seus sequazes licença, pera que pouoassem as terras a q̃ sua vêtura os guiasse. E a Medo filho de Iaphet, a que o Sagrado Texto (Gen. c. 10) chama Maday mandou habitar na Persia junto ao Mar Caspio, que de seu nome se chamou a Media...»²³.

Mais fértil em evocações era a Mesopotâmias Lá vinha à mente o paraíso terreal da História das Origens (Gn 2), irrigado pelas torrentes a que o país ficou a dever prosperidades e fama, se não o nome²⁴.

Da Babilónia não se podia falar sem Bíblia e sem a traduzir para a nossa língua:

«Contar os sucessos desta Cidade; as prophcias, e visões que nella acontecerão, seria encher grandes liuros, e quasi tresladar a Biblia em Portugues. Aquí como diz Daniel (c. 13), foy a onde os tres moços

²¹ *Ibid.*, XII, 129.

²² *Ibid.*, XIII, 138.

²³ *Ibid.*, XIV, 151.

²⁴ Não se sabe quais «dois rios» deram o nome à Mesopotâmia. As fontes cuneiformes e veterotestamentários conhecem uma região de *Nahren, Nahrima, Nahrina, (Aram) Naharayni, mat Biritim*, mas não é claro que subentendam a ideia de «dois rios», muito menos que estes sejam precisamente o Tigre e o Eufrates. Muito provavelmente referem-se apenas ao grande arco formado pelo Eufrates e pelos afluentes Habur e Balih. «Mesopotamia» é um termo cunhado no tempo de Alexandre Magno e, pelo menos desde o período islâmico, designa o norte do actual Iraque para os naturais do país. Cf. J. J. FINKELSTEIN, «*Mesopotamia*» in *Cuneiform Sources*, em «Actas do XXV Congresso Internacional de Orientalistas» (Título em russo), I, Moscovo 1962, pp. 219-225.

Sidrach, Misach, e Abdenago forão metidos na fornalha por mandado de Nabuchdonosor, e o lago dos Leões (cc. 13-14) em q̄ Daniel Propheta foy lançado. o testemunho de Sãcta Susana. Abachu de Hierusalẽ o trouxe o Anjo do Senhor pelos cabelos a esta Cidade, em que os filhos de Israel estiueraõ captiuos setenta annos (1 Esd. 2). Daqui foy Tobias o velho, e moço, Abrahão, Labão, Lia, Rachel, na Mesopotania foi Iacob pastor de gado...»²⁵.

Nos «successos» não entrava o episódio da torre, tratado um pouco antes. Acaso ou intenção, facto é que deste modo se distingue entre tempo histórico e os fabulosos tempos primordiais. Não que fosse evento de somenos, esse da construção da torre e confusão das línguas. Frei Gaspar até sabia de pormenores que hoje nos escapam e nos espantam:

«...diz Philo (Ant. Bibl. super ca. 10 Gen.) que os homẽs, que nella trabalharão passauão de trezentos mil, a qual não era outra cousa, que hum monte de terra mocisso, vestido com hũa parede de tijolos cozidos ao fogo, amassados com hum betume, que nasce naquellas partes, e melhor, e mais forte pera este ministerio, do que a cal que os Pedreyros cã vsão. Tinha hũa como escada, lãçada em caracol ao modo de ladeyra, tam espaçosa e larga, que scys carros juntos senão podiam encontrar. Sendo pois a gente tanta, e estando a torre na Cidade, à qual era cousa facil acodirem todos, diz Sancto Isidoro (1. 15 suarum Ethimologi.) que a poserão em altura de cinco mil e setenta e quatro passos; q̄ pelo menos deuia ser hũa legoa e meya, e inda agora o pè mostra bẽ que teue mais em circuyto de hũa grande legoa. E parecêdolhes pola presa que leuauão, muy cedo as grimpas passarão as nuuẽs, e romperão os Ceos; vñanos com esta vaãgloria conceberão cõsigo hũs pensamentos tã soberbos, q̄ bastarão pera mouerem a Diuina Magestade a castigalos, não no coração onde se elles ferião: Mas na lingua, como secretaria, e ministerio delle»²⁶.

Na ruína de Babilónia cumpriram-se à letra as profecias de Jeremias (c. 51), Isaías (c. 13), como «depois» se lhe referiram S. João no Apocalipse (cc. 14 e 18) e Daniel (cc. 5; 13; 14)²⁷.

Com o Antigo Testamento se confirma o tamanho descomunal dos peixes apanhados nos rios de Bagdad. Quem não acreditar «lea o liuro de Tobias (c. 7), que nelle acharà que taes são, pois que

²⁵ FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *o. c.*, XVIII, 205-206. E não se limita a citar a fonte (1 Esd. 2). Acrescenta que segundo essa passagem, «os liures de Babylonia forão 45360, sem os escrauos e moças de seruiço que erã 7337 pessoas» (p. 206, n. 1).

²⁶ *Ibid.*, XVIII, 203-204.

²⁷ *Ibid.*, XVIII, 205.

estando o Sancto lauando os pès no rio Tigris, arremeteo a elle hũ tão grande, que lhe acodio hum Anjo pera o liurar»²⁸.

Com o Antigo Testamento se localiza a antiga Nínive junto ao Tigre, contra a opinião de Diodoro Sículo, que a fazia ribeirinha do Eufrates. O «Sagrado Texto» refere efectivamente que Tobias partiu de Nínive para a Média (Tob. 6) e que na primeira noite foi descansar junto ao Tigre²⁹. Nínive «foy onde prègou o Propheta Ionas (Iona c. 1 et 2) depois que a Balea o vomitou no Ponto Euxino, alem de Constantinopla, como diz Iosepho (Ios. de antiq. 1. 9, c. 11) em suas antiguidades...»³⁰.

Se o Texto Sagrado afirma a existência de raças humanas desaparecidas, não há que duvidar: «Não nego que ouue Gigantes, pois a Sagrada Escripura (Gen. 6) diz que Gigantes auia na terra»³¹.

E quem impugnaria a existência dos milagres narrados no Antigo Testamento?! Se até Flávio Josefo confirma o milagre da transformação da água do Nilo em sangue: «Quem lèr o Liuro do Exodo (c. 7), nelle acharà, que ouue tempo, em que o Nilo se conuerteo em sangue, do que he testemunho Ioseph (1. 3, c. 6) em suas anti-guidades»³².

O Antigo Testamento está, por fim, na origem de muitos preceitos da religião muçulmana, dominante nos lugares onde Frei Gaspar deambulava. Maomé «dos Iudeos aprouou a circũcisão, mandãdo que todos se circuncidassem como era custume na ley velha (Gen. 17: circumcidetis carnem praeputii). Consentio os lauatorios, e nas cousas q̄ do testamêto velho mais lhe quadrarão, como foy não auer nas Mesquitas imagês, ou figuras. Vedou totalmente a carne de Porco (Et sus: quae cum unguillam diuidat), por ser animal sujo, e imũdo»³³.

III

Nenhuma passagem bíblica tomou tanto espaço ao exegeta itinerante como a dos rios do paraíso (Gn. 2, 10-14). Ao assunto dedica nada menos de vinte e sete páginas, nos capítulos 21 e 22.

²⁸ *Ibid.*, XIX, 213.

²⁹ *Ibid.*, XVII, 194.

³⁰ *Ibid.*, XVII, 195.

³¹ *Ibid.*, VIII, 83-84.

³² *Ibid.*, XXI, 244.

³³ *Ibid.*, XX, 223-224. Excepcionalmente não cita o texto que proíbe a carne de porco. Trata-se de Lv. 11, 7.

E nem sequer pretende esgotar o que tem para expôr sobre a matéria — disse se occuparia «no segundo Liuro (que não chegou a dar à estampa) como lugar mais proprio». Por ora, só o que concerne à localização do famoso Éden:

«lembrando aqui ã estiuue na Mesopotamia, onde muytos cuydão que elle foy, a qual he toda terra sabida, e trilhada, sem nella auer rastro, vestigio, ou nouas de tal Parayso (...). A mesma noticia se tẽ da mais terra de Assiria, Arabia, e Palestina, sem que aya lugar, ou parte, junto a estas em que se possa sospeytar estiuesse em algum tempo»³⁴.

Do paraíso, portanto, nem rasto nem vestígio em toda a Ásia Anterior. Outro tanto não se podia dizer dos rios que dele saíam, pois dois deles — Tigre e Eufrates — estavam bem à vista. O mais que se oferecia era dissertar sobre os seus nomes e sua origem e afluentes: «Contam as Diuinas letras (Gen. c. 2), que do Parayso terrestre sahia um rio ã se diuidia em quatro, os quaes Moyses nomea por seus nomes»³⁵.

Ao Tigre chama Flávio Josefo Diglat, «que quer dizer arrebatado, e teue muyta razão, pera lhe dar tal nome; porque dos que vi, e passey, da India tẽ Lisboa, nam achey outro, que tam apressadamente seguisse seu caminho»³⁶. A sua nascente, segundo João Ravísio (in tract. de fluminibus), Solino (c. 49) e Boécio (de Consol.) estava «em hũa serra de Armenia, chamada Longosine: e tanto que chega a Prouincia da Media se começa a chamar Tigris, que na lingoa da terra significa seta»³⁷.

«O QUINTO RIO, que he este ã agora vou passando, se chama (Gen. c. 2) o Eufrates, e Ioseph (de anti. 1. 1 c. 2) por outro nome Foras, que significa Flor. A historia Pontifical (1. 6, c. 24, § 2) lhe dà seu nascimento na Armenia mayor no Mõte Piriardes. Ioão Rauísio (in tract. de fluminibus) vayse pelo antigo, dizendo nascer no Parayso Terreal. Strabo nos Montes Niphèos, Solino (c. 40) no Monte Zimara junto ao Monte Gapote, donde vem com sua corrête dar no Mõte Tauro, e depois de o atrauessar, rega os confins da Camogena, ã he a Cidade de Aleppo, e daqui se faz na volta do Sul, caminhãdo pela Arabia...»³⁸.

³⁴ *Ibid.*, XXII, 248.

³⁵ *Ibid.*, XXI, 240-241.

³⁶ *Ibid.*, XXI, 245.

³⁷ *Ibidem.*

³⁸ *Ibid.*, XXII, 247.

Na identificação dos outros dois rios diferem tanto os exegetas antigos como os modernos. Daqueles, Frei Gaspar conhece e segue o historiador judeu Flávio Josefo:

«E ao primeiro, a que nós chamamos Ganges, de hũ filho de Gogo, bisneto de Noè, chamado deste nome; diz elle Phison, palavra Grega, q̃ como affirma Ioseph (de anti. 1. 1 c. 2) significa innũdação, pelos muitos rios, grandes e nauegaueis, que nele se encorporão (...). O segũdo se chama Geon, Ioseph (de anti. 1. 1 c. 2) cõta delle q̃ os Gregos lho mudarão em Nilo»³⁹.

Na explicação do nome concordavam um clássico e um escritor mais recente:

«Ioaõ de Leão (in 1. p. f. 60) affirma que tem este nome de hum Rey, que foy do Egypto, chamado Nileo. Do mesmo voto he Diodoro Siculo (1. 1 c. 2 et 1. 2 c. 2), ao qual eu dou muyto credito, assi por escreuer delle muy largo como se pode ver no primeiro, e segundo Capitulo do primeiro Liuro, como por serem muytos, os que nisto concordam»⁴⁰.

A exegese moderna tem menos certezas. De Frei Gaspar para cá, a identificação do Pishon tem oscilado entre o Ganges, o Indo, um braço do Nilo, o Hyphasis, afluente do Indo, e o Diyala, afluente do Tigre, entre outros. No Gihon vê-se geralmente o Nilo, com a tradição judaica e cristã. Mas não falta quem proponha o Kerka ou um canal da margem esquerda do Eufrates. Estivesse Frei Gaspar mais informado, e saberia que o grande exegeta hebreu medieval Rashi tinha identificado o Pishon com o Nilo, e não com o Ganges⁴¹. Não tira, porém, que o franciscano se tenha empenhando tão a fundo na investigação do problema, com pesquisas bibliográficas e entrevistas ao longo da jornada, que pôde escrever:

«Isto foy o mais q̃ destes quatro rios pude alcançar, e cuydo que não fiz pouco, porq̃ não li atẽgora quẽ mais claramẽte desse delles cõta do que eu aqui dou; e certo que em fazer perguntas acerca delles, trazia ya a gente enfadada; e posto que os de melhor juyzo louuarão a curiosidade, contudo outros achauãona sobeja»⁴².

³⁹ *Ibid.*, XXI, 240-242.

⁴⁰ *Ibid.*, XXI, 242.

⁴¹ Cf. W. H. GISPEN, *Genesis 2, 10-14*, em *Studia Biblica et Semitica Theodoro Christiano Vriezen dedicata*, Wageningen 1966, pp. 118-121.

⁴² FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *o. c.*, XXII, 248.

IV

Frei Gaspar de S. Bernardino não era exegeta profissional. Faltava-lhe para tanto o lastro insubstituível das línguas originais do Antigo Testamento, nomeadamente do Hebraico, em cujo domínio se notabilizara o contemporâneo e confrade Frei Luís de S. Francisco⁴³. Não que o franciscano tenha qualquer espécie de soberano menosprezo da matéria linguística. Está mesmo atento às variações linguísticas com que deparou nas suas errâncias⁴⁴. Acompanha, curioso e erudito, a evolução da nomenclatura do país dos Dois Rios: Senaar — Mesopotâmia — Cladeia — Diarbech⁴⁵.

A etimologia de Mesopotâmia não se funda em ciência própria; é do «Mestre das histórias». A de Senaar só pode fundar-se nalguma tradição avulsa, a navegar na ignorância mais supina: de «levantar-se o que dorme» o mais que se pode aproveitar é a raiz *yašen* II, «dormir». Nem o franciscano nem algum contemporâneo seu podia suspeitar que por detrás do nome insólito estaria porventura o velho «Sumer»⁴⁶, nome da Mesopotâmia do Sul no primeiro milénio da história. Na tradição do Antigo Testamento, Senaar «significa seguramente Mesopotâmia» em geral, mas o significado do nome é desconhecido⁴⁷. E aonde é que o franciscano terá ido buscar o sentido demoníaco de «Caldeia»⁴⁸? Sem dúvida, a alguma «autoridade», antiga ou moderna.

Com S. Jerónimo, Frei Gaspar afirma a pés juntos que «a lingua Hebraea... foy a primeira do mundo»⁴⁹. E não tem a menor dúvida sobre a autenticidade mosaica do Pentateuco. É «Moyses» que «diz, q̄ Nembroth foy esforçado, e valeroso caçador (Gen. c. 10)»⁵⁰ e «nomea por seus nomes» os rios do paraíso⁵¹.

⁴³ Autor de uma volumosa gramática hebraica que dá pelo título de *Globus canonum et arcanorum linguae sanctae ac Divinae Scripturae*, Roma 1586.

⁴⁴ FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *o. c.*, XII, 129: «Pera melhor conhecimêto do q̄ tratamos, he de saber que ao que nòs dizemos Igreja, diz o Turco, e Mouro Mesquita, os Arabios Mochamo, os Iudeos Asnoga, e o Gêtio Pagode, e ao que dizemos Sacerdote, dizem os primeiros Cassis, os següdos Hodamo, os Iudeos Rabbi, o Gentio Bramane, ou Iosim, ou logue». *Ibid.*, XIII, 141: «Curqui, que na lingua (persa) significa soldado de pè».

⁴⁵ *Ibid.*, XVIII, 198.

⁴⁶ Cf. E. A. SPEISER, *Genesis* (AB 1), Garden City, New York 1964, p. 67.

⁴⁷ H. HAAG — S. AUSEJO, *Diccionario de la Biblia*, Barcelona 1967, col. 1870. Cf. R. DE VAUX, *Les Patriarches Hébreux et les découvertes modernes*, RB 55 (1948) 332-333 = *Die hebräischen Patriarchen und die modernen Entdeckungen*, Düsseldorf 1961, pp. 39-40.

⁴⁸ FREI GASPAR DE S. BERNARDINO, *o. c.*, XVIII, 198 n. 3: «Chaldea in lingua Hebraica idem significat quod Chasdim idem Demones».

⁴⁹ *Ibid.*, XVIII, 204.

⁵⁰ *Ibid.*, XVIII, 200.

⁵¹ *Ibid.*, XXI, 240.

Frei Gaspar de S. Bernardino era, antes de mais, um piedoso leitor da Bíblia e do seu Antigo Testamento, largamente transcrito no breviário que o acompanhava e guia de viagem por terras orientais⁵². Tirando a exegese exaustiva de Gn. 2, 10-14 (rios do paraíso), domina o uso da Bíblia como fonte histórica. Não lhe passaram nem ao de leve pela cabeça as dúvidas do contemporâneo espanhol Bento Pereira sobre a autenticidade mosaica do Pentateuco⁵³, nem de modo algum antecipou as críticas mais fundamentadas de Spinoza⁵⁴ e Richard Simon⁵⁵, dadas à estampa uns cinquenta anos mais tarde. Mas que admira tanto apego à tradição, se ainda no século XIX um professor da Universidade de Bonn repetia a ingenuidade filológica de classificar a língua hebraica como a «mais antiga entre todas as línguas conhecidas», «die älteste unter allen uns bekannten Sprachen»⁵⁶?! Um mérito há que reconhecer a Frei Gaspar: o ter reproduzido a nomenclatura do Tigre e Eufrates em Josefo, nomeadamente Diglat e Foras. No primeiro caso, temos simplesmente o nome semítico do rio, igual ao aramaico Deqlat e semelhante ao hebraico Hiddequel. ao árabe Dijlat e ao acádio Idiqlat⁵⁷. Por detrás de Foras estão igualmente as formas semíticas *perat* (hebraico) e *pura'tu* (acádio)⁵⁸. E, ao identificar o Pishon com o Ganges e o Gihon com o Nilo, Frei Gaspar está com um dos grandes vultos da exegese veterotestamentária do século XX:

«Que indizível benção de água existe no paraíso, se a corrente, depois de irrigar o jardim, ainda é capaz de abranger e fertilizar o mundo inteiro. Toda a água extraparadisiáca que alimenta todas as culturas é, por assim dizer, o remanescente da água paradisiáca»⁵⁹, do Ganges ao Nilo.

JOSE NUNES CARREIRA

⁵² Junto ao Eufrates, «muytas vezes, com os olhos virados pera a parte da Sancta Cidade, entoauamos este Psalmo (136/137), *ibid.*, XXII, 249; em Bagdad lia Is 13: «E certo que quando estaua nesta terra, e lia este capitolo, que ficaua admirado vendo como os juizos de Deos são marauilhosos, e incôprehensiuéis» (*ibid.*, XVIII, 207).

⁵³ BENEDICTI PEREIRA, *Tomus I-IV commentariorum et disputationum in Genesim*, Lugduni 1594-1600.

⁵⁴ *Tractatus theologico-politicus*, Hamburgo 1670.

⁵⁵ *Histoire critique du Vieux Testament*, Paris 1678.

⁵⁶ Afirmação de Johannes Christian Wilhelm Augusti, citada em M. NOTH, *Geschichte und Gotteswort im Alten Testament*, em *Gesammelte Studien zum Alten Testament* (ThB 6), München 1960, p. 231.

⁵⁷ Cf. E. A. SPEISER, *o. c.*, p. 17.

⁵⁸ Cf. H. HAAC — S. AUSEJO, *o. c.*, col. 643.

⁵⁹ G. VON RAD, *Das erste Buch Mose. Genesis* (ATD 2/4), Göttingen 1961⁴, p. 64.